

Literatura oral a partir da internet: o caso do documentário “Poetas analfabetos do Sertão do Pajeú”

Wallace Rodrigues¹

Adejonson de Almeida Oliveira²

Resumo

Este trabalho almeja pensar sobre a poesia de tradição oral a partir do documentário de curta-metragem intitulado “Poetas Analfabetos do Sertão do Pajeú”, de Jefferson Sousa. Nosso objetivo é trazer algumas análises de poemas desta região de Pernambuco, ligados à forte literatura oral da região e refletir sobre alguns poemas escolhidos. Nossa análise para este trabalho foi reflexivo-qualitativa e de cunho bibliográfico. Os resultados revelam a riqueza da poesia dos poetas do Sertão do Pajeú por meio da análise de alguns poemas escritos (de Leonardo Bastião, Pedro Tenório e Dedé Monteiro) a partir das performances orais de três poetas populares desta região.

Palavras-chave: Poesia; Literatura oral; Performance oral; Poesia popular.

Abstract

This work seeks to think about oral tradition poetry based on the short documentary entitled “Poetas Analfabetos do Sertão do Pajeú”, by Jefferson Sousa. Our objective is to bring some analyses of poems from this region of Pernambuco, linked to the strong oral literature of the region and reflect on some chosen poems. Our analysis for this work was reflective- qualitative and bibliographical. The results reveal the richness of the poetry of Sertão do Pajeú poets through the analysis of some poems (by Leonardo Bastião, Pedro Tenório e Dedé Monteiro) written from the oral performances of three popular poets from this region.

Keywords: Poetry; Oral literature; Oral performance; Popular poetry.

¹ Pós-Doutor pela Universidade de Brasília – UnB/POSLIT. Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Licenciado pleno em Educação Artística pela UERJ e com complementação pedagógica em Letras/Português e em Pedagogia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Docente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire/UFNT) e da Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (PPGLLit/UFNT).

² Licenciado em Letras – Português pela Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Araguaína. Professor da Rede Estadual de Ensino do Tocantins.

Introdução

Este trabalho tem como tema central de pesquisa a literatura oral na atualidade. Escolhemos um documentário de curta-metragem intitulado “Poetas Analfabetos do Sertão do Pajeú”, de Jefferson Sousa, para subsidiar as discussões sobre literatura oral, cultura popular e divulgação literária via internet, pois esse documentário está disponível na plataforma *YouTube*.

Em tal documentário, de aproximadamente 6min52s, vemos algumas pessoas, poetas populares, recitando poemas vindos de suas mentes, demonstrando muita riqueza artística e um grande conhecimento da tradição oral da localidade pernambucana chamada de Sertão do Pajeú, terra de gente que gosta de transformar as coisas da vida em versos. Tais recitações revelam, ainda, a resistência da oralidade na atualidade, mesmo em meio a tanta tecnologia, e as experiências de vida desses poetas populares.

Podemos compreender a poesia oral como um poço inesgotável de conhecimento e que não seca nunca. Tal poço sempre será um minador de água para saciar a sede de poesia das pessoas.

Informamos que aqui encaramos a poesia oral como um gênero literário próprio, que é composto e transmitido através da tradição oral e sem o auxílio da escrita. Neste gênero, a performance da recitação poética coloca-se como de extrema importância, assim como os acréscimos e retiradas de elementos do poema quando este é recitado.

Os poetas que estão presentes no documentário estudado chamam os versos recitados de “cantorias”, revelando a força da oralidade para a poesia popular. Ou seja, só se pode cantar através de versos, versos estes que devem trazer algo de “novidade” para a cantoria. Para esses poetas do sertão as cantorias são poemas cantados, poemas que necessitam de um ritmo para serem oralizados.

O documentário escolhido para nosso trabalho de conclusão de curso releva a poesia popular de Leonardo Bastião (agricultor), Pedro Tenório (agricultor) e Dedé Monteiro (professor), relacionando os poemas com as suas vidas no campo e suas experiências de vida.

Sabemos que no “Sertão do Pajeú” é uma terra cheia de poetas com

conhecimento e criatividade populares singulares. Esta região é conhecida como a terra dos poetas. Eles fazem poemas lindos e inspiradores.

Sobre cultura e literatura popular no filme documentário

Entendemos que a poesia mexer com os nossos sentimentos. No caso dos poemas populares do documentário citado, vemos como a internet pode funcionar como uma divulgadora eficiente da criatividade dos poetas populares, da força da oralidade e da pujança da literatura oral.

Vemos também que na maioria das vezes, estes poetas populares não têm o devido reconhecimento de seus talentos e o trabalho que propomos ajudará a divulgar as cantorias do Sertão do Pajeú.

Lembramos que a literatura oral sempre teve uma grande relevância na história da sociedade mundial, porque ela sempre esteve presente na construção de novas descobertas humanas. O homem sempre buscou narrar suas experiências e reproduzi-las através da escrita ou da oralidade.

O conhecido folclorista brasileiro Luís da Câmara Cascudo (1988) dá-nos uma introdução sobre os gêneros da literatura oral para o conhecimento de todos, já que ela:

[...] reúne o conto, a lenda, o mito, as adivinhações, provérbios, parlendas, contos, orações, frases-feitas tornadas tradicionais ou denunciando uma história, enfim todas as manifestações culturais, de fundo literário, transmitidas por processo não gráficos (Cascudo, 1988, p. 105).

Como nos revela Câmara Cascudo na citação anterior, a literatura oral reúne uma imensa gama de gêneros textuais, mas que sempre estão intimamente ligados aos aspectos culturais de uma sociedade e das pessoas que formam tal sociedade.

Ainda, devemos lembrar que a literatura, como nos informa Antonio Candido, trabalha na formação das pessoas como seres sociais, humanizando-nos:

Alterando um conceito de Otto Ranke sobre o mito, podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar. Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles (Candido, 1995, p. 175).

Ainda, vale lembrar que ainda há na academia uma certa relutância em se trabalhar com a literatura oral, não dando a ela um valor e caráter próprios das obras literárias escritas.

Doralice Alcoforado diz-nos que, “o texto oral, etimologicamente carregando o peso de um paradoxo, permaneceu por muito tempo fora do enfoque teórico dos estudos literários, cuja tradição tem privilegiado a escritura como única fonte teorizadora do texto artístico” (2008, p. 110).

Daí a necessidade de pesquisas que tomem como tema a literatura oral em seu viés mais instigante: o popular. Assim, nossa pesquisa justifica-se por trazer para a expansão do conhecimento acadêmico a literatura oral do Sertão do Pajeú através das “cantorias” expostas no vídeo que é objeto de estudo e divulgado via internet.

A contextualização do documentário que nos oferta as poesias para este TCC é o Sertão do Pajeú, que fica no Estado de Pernambuco e é conhecido como a terra dos poetas, pois lá tem um grande número de poetas que recitam poesias passadas através da tradição oral. Colocamos aqui um mapa do Estado de Pernambuco, deixando ver onde fica localizado o Sertão do Pajeú.

Vale ressaltar que a utilização do documentário no Brasil não é algo novo, mas que data da primeira metade do século XX. Tal gênero fílmico pode parecer mais ligado à “verdade dos relatos”, mas também é uma representação do “real” ou de “realidades” selecionadas. Neste sentido, é

preciso ter muita atenção para que a utilização do cinema documentário na educação não acentue as diferenças ao invés de mostrar suas riquezas, como nos relata Rosana Catelli:

Na concepção do cinema educativo no Brasil, os documentários poderiam transportar a população, principalmente aquela que vivia isolada no interior, no sertão, para as mais diferentes localidades. Poderiam ainda mostrar para a capital o desconhecido sertão brasileiro, que tanto fascinava os moradores das grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo (Catelli, 2010, p. 613).

No entanto, neste TCC, buscamos pensar na riqueza e nas identidades culturais brasileiras e que nos chegam de regiões interioranas, como o Sertão do Pajeú. Pensamos como Wallace Rodrigues e Cristiano Alves Barros quando nos questionam:

Encarar o cinema enquanto produto cultural de nosso país é ligá-lo à questão da identidade nacional, ou seja, é perguntar: Quem somos enquanto brasileiros? O que nos define e nos diferencia culturalmente de outros países? Há realmente uma identidade cultural nacional para um país tão vasto quanto o nosso? Essas questões revelam somente um começo de discussão sobre a identidade nacional pela via das produções artísticas (Rodrigues; Barros, 2017, p. 76).

Daí compreendermos que o cinema brasileiro pode ser utilizado para entender as “coisas” do nosso povo, revelando a riqueza de suas produções populares, tais como as poesias dos poetas do Sertão do Pajeú.

Voltando a pensar nos poetas do Estado do Pernambuco apresentados no documentário, o livro “Grande sertão: veredas”, quando menciona Luís Pajeú, jagunço vindo das comarcas de Pernambuco mostra as riquezas literárias de tal região. Luís Pajeú, personagem de Guimarães Rosa, pertencia ao subgrupo de João Goanhá. Morreu com Joca Ramiro e outros na traição da Jerara. Rosa apresenta-o da seguinte forma:

E era um Luís Pajeú – com a faca-punhal do mesmo nome, e ele sendo de sertão do mesmo nome, das comarcas de Pernambuco. Sujeito despachado, moreno bem queimado, mas de anelados cabelos, e com uma coragem terrivelmente. Ah, mas o que faltava, lá nele, que ele mais não tinha, era uma

orelha, – que rente cortada fora, pelo sinal. Onde era que o Luís Pajeú havia de ter deixado aquela orelha? – “Será gosto meu não, de descasear dentaduras...” – conciso declarou, falava meio cantado, mole, fino (Rosa, 2019, p. 123).

Vale ressaltar na descrição de Guimarães Rosa a forma cantada do falar do Sertão do Pajeú: “falava meio cantado, mole, fino” (2019, p. 123). Talvez haja aí alguma relação com as “cantorias” dos poetas orais da região, pois, como já nos disse Antonio Candido, cada “sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas” (1995, p. 175). Rosa talvez desejasse marcar Luís Pajeú com as características regionais de seu lugar de procedência.

Vemos a poesia oral do Sertão do Pajeú como um típico exemplar de manifestação artístico-cultural popular. Conforme nos diz o professor Wallace Rodrigues (2017, p. 493): “a arte popular é uma arte fruto da cultura popular e que tem como consumidores principais as pessoas das camadas populares (o ‘povo’). Ou seja, de uma forma simples, a arte popular é uma arte feita pelo povo e para o povo.”

Sobre como funciona a cultura popular, o sociólogo da arte Waldenyr Caldas informa-nos que:

Antes de mais nada, devemos registrar que ela [a cultura popular] se realiza fora do universo acadêmico e das instituições científicas. É provável que esta seja a maior diferença entre ela e a cultura erudita. Sua principal característica talvez seja exatamente o fato de ser produzida espontaneamente e em qualquer lugar. Nas ruas, no trabalho, no lazer, nos bares, dentro de casa, no clube, no campo de futebol, na praça pública, na igreja, enfim, não há lugar específico para surgir a cultura popular. Outra característica importante é que nessa modalidade cultural, quase sempre a produção anônima, isto é, de domínio público. E muitas vezes é uma criação coletiva. Já na cultura erudita, dificilmente não aparece o nome do autor na obra (Caldas, 1986, p. 69).

Vale ressaltar a performatividade das “cantorias” dos poetas do Sertão do Pajeú retratados no documentário, pois não é somente o poema memorizado e sua interpretação sonora que contam, mas também elementos que entram ou saem do poema cada vez que ele é recitado. Doralice

Alcoforado nos informa que:

Diferentemente da escritura, o processo de criação do texto oral explora procedimentos que realçam a função da voz e os aspectos performáticos da comunicação, que suplementam a mensagem poética. Ainda é importante lembrar que em cada ato de recriação do texto memorizado, introduzem-se dados atualizadores da formação social que o recebe, garantindo-lhe sua funcionalidade como forma cultural de comunicação (Alcoforado, 2008, p. 116).

Um poeta popular conhecido e aclamado na região é Dedé Monteiro, que também está presente no documentário. Ele é um artista que foi considerado um Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE. O blogueiro Nill Júnior ensina-nos o que é um Patrimônio Vivo:

Os Patrimônios Vivos de Pernambuco são mestres da cultura popular pernambucana, de notório saber, reconhecidos como Patrimônio Imaterial do Estado, que recebem este título através de um concurso público apoiado na Lei de Patrimônio Vivo. Todos os anos, três novos Patrimônios Vivos são nomeados pelo Governo do Estado de Pernambuco, e apoiados com o objetivo de preservar seus múltiplos saberes, fazeres, memórias e histórias. A lei, além de permitir a preservação e valorização das manifestações populares e tradicionais, garante as condições para que sejam repassadas às novas gerações de aprendizes (Júnior, 2016, s/p.).

Da citação anterior podemos notar a importância que se dá ao poeta popular e à sua arte na atualidade. Os trabalhos destes poetas deve ser amplamente divulgado e nosso trabalho de conclusão de curso terá, também, esta função.

Sobre oralidade e poesia popular do Sertão do Pajeú - PE

Poderemos discorrer sobre a poesia oral de forma simples e simbólica, compreendo que ela tem um envolvimento muito profundo na vida das pessoas e da sociedade onde nasce. Isto porque, a oralidade acompanha o homem e o faz compreender sua realidade. Segundo Noah, a oralidade nos ajuda a traduzir o mundo: “voltado ainda mais no tempo, os cerca de 70

milênios desde a revolução cognitiva tornaram o mundo um lugar melhor para se viver” (Noah *apud* Harari, 2019, p. 386).

Neste caminho, a poesia está intimamente ligada ao social e à criatividade. Wallace Rodrigues nos afirma (2017, p. 490) que “fala-se muito em criatividade, mas o que é criatividade efetivamente? Criatividade está ligada à capacidade de criar, de inventar algo novo com o que se tem, de ter ideias originais, enfim, ‘sair da caixinha’, de sair do fechamento e do isolamento do saber burocrático”.

Conforme a reflexão do professor Rodrigues, poderemos pensar em criatividade como se “inventar algo novo com o que se tem, de ter ideias originais”, e este conceito é muito fundamentado, pois baseia-se numa fonte que nunca seca, mas é um manancial vivo: a sensibilidade dos poetas, como vemos no caso deste TCC.

Ainda sobre a oralidade, Josivaldo Custódio da Silva (Silva, 2011, p. 66) fala-nos que há uma oralidade primária (aquela passada de geração a geração) e uma secundária (alimentada pelas formas escritas de linguagem):

Nossa perspectiva, os primeiros apologistas e amantes da cantoria de repente e, até mesmo os atuais, fazendo uso de suas memórias e vozes, praticavam e ainda praticam, de certa forma, essa oralidade primária. Já a oralidade secundária é a que faz parte “da atual cultura de alta tecnologia, na qual uma nova oralidade é alimentada pelo telefone, pelo rádio, pela televisão, ou por outros dispositivos eletrônicos, cuja existência funcionalmente dependem da escrita e da impressão.”

Poderemos analisar ainda em conformidade com citação do professor Josivaldo Silva, que os dois gêneros poéticos nos colocam para pensar como se desenvolveu a poesia oral e popular e como elas reagem no cenário atual da era da informatização.

Neste sentido, vemos que o documentário de Jefferson de Sousa, “Poetas Analfabetos do Sertão do Pajeú”, encontrado na plataforma online *Youtube* demonstra como uma atividade tão antiga quanto a poesia oral popular incorporou a atualidade da interatividade da era digital da internet (WWW – *World Wide Web*). Marco Silva informa-nos sobre como essa lógica atual da interatividade age em nossa época atual de cibercultura, afetando,

também, as criações poéticas e sua divulgação:

Interatividade é a modalidade comunicacional que ganha centralidade na cibercultura. Exprime a disponibilização consciente de um mais comunicacional de modo expressamente complexo presente na mensagem e previsto pelo emissor, que abre ao receptor possibilidades de responder ao sistema de expressão e de dialogar com ele. Representa um grande salto qualitativo em relação ao modo de comunicação de massa que prevaleceu até o final do século XX. O modo de comunicação interativa ameaça a lógica unívoca da mídia de massa, oxalá como superação do constrangimento da recepção passiva (Silva, 1999, p. 64).

A partir do pensamento de Silva (1999), a internet não só nos abre espaços outros para pesquisas, mas leva-nos a novas experiências, também virtuais no campo da literatura, passando de leitores passivos para participantes interativos.

Ainda de acordo com Marco Silva, a interatividade gerada pela cibercultura faz do espectador da performance poética um possível transformador da informação recebida:

Os fundamentos da interatividade podem ser encontrados em sua complexidade nas disposições da mídia on-line. São três basicamente: a) participação – intervenção: participar não é apenas responder “sim” ou “não” ou escolher uma opção dada, significa modificar a mensagem; b) bidirecionalidade – hibridação: a comunicação é produção conjunta da emissão e da recepção, é co-criação, os dois pólos codificam e decodificam; c) permutabilidade – potencialidade: a comunicação supõe múltiplas redes articulatórias de conexões e liberdade de trocas, associações e significações. (Silva, 1999, p. 64-65).

Vale ressaltar que a forma poética oral e de cunho popular não é algo novo, mas que continua latente na sociedade brasileira, principalmente na região no Sertão do Pajeú.

Neste caminho sobre a poesia oral, Doralice Alcoforado mostra-nos um pouco deste histórico da poesia oral popular para a poesia escrita:

Até os sécs. X/XII, havia na Europa inumeráveis tradições orais em línguas vernáculas que coexistiam com uma tradição única, escrita em latim. A partir dessa época desenvolve-se lenta e progressivamente uma cultura escrita em língua

vernácula com o registro das tradições orais. Nesse processo, gêneros literários tradicionalmente orais foram incorporados, muitos deles de forma pouco fiel, operando mudanças que vão refletir na concepção da expressão poética e, em alguns exclusivamente femininos, também na concepção de amor (Alcoforado, 2008, p. 111).

Não podemos nos esquecer também que a recitação dos poemas de autoria própria dos poetas no documentário “Poetas Analfabetos do Sertão do Pajeú” revela a forma performática de recitar poesia. Sobre as performances em artes visuais como no caso do curta-metragem analisado, Wallace Rodrigues diz-nos que “pode-se notar que a aproximação entre performance e artes visuais gera novas possibilidades para o exercício da criatividade, produzindo novas formas e sentidos para a arte” (2017, p. 189). Neste caso, a arte da poesia oral popular.

Regina Melim vai nos informar que as performances da atualidade abarcam muitas formas artísticas de produção e divulgação:

Estudos críticos a partir da década de 1990 têm reexaminado a noção de performance nas artes visuais, com base em múltiplas possibilidades de alargamento das referências contidas no termo. Reavaliações de ações realizadas sem audiência alguma, no espaço público da cidade, ou no próprio estúdio do artista performando apenas diante de câmeras, bem como uma série de remanescentes de ações que aconteceram ao vivo, tornaram-se objetos de análise e revisão. Da mesma forma, reapresentações de performances históricas dos anos 1960 e 1970 – baseadas nesses remanescentes ou documentos, como filmes, fotografias, vídeos, depoimentos orais ou escritos – também surgiram aderidas a muitas proposições artísticas e curatoriais (Melim, 2008, p. 36-37).

Assim, a maneira como cada poeta recita sua poesia demonstra uma performatividade única em sua execução. O ritmo, o lugar escolhido, a entonação, são fatores que influenciam na execução de uma performance de poesia.

Além disso, a performance coloca-se em um “pântano conceitual”, pois pode incorporar múltiplas artes, conceitos, pensamentos, fazeres, etc, abarcando também as artes literárias, como nos comenta Roselee Goldberg:

Historiadores da arte não têm uma categoria pronta para colocar a performance, e com boa razão. A performance sempre se desenvolveu nas bordas de disciplinas como literatura, poesia, filme, teatro, música, arquitetura ou pintura. Ela envolveu vídeo, dança, slides e narrativas, e tem acontecido de forma individual ou coletiva, nas ruas, bares, teatros, galerias de arte ou museus. Como um meio permissivo e aberto, com variáveis infinitas, ela sempre foi atrativa aos artistas impacientes com as limitações das formas de arte já estabelecidas (Goldberg, 1984, p. 24-25, tradução nossa).

Poderemos reforçar que estas performances dos poetas no referido documentário são performances de “cantoria” popular. Josivaldo Custódio da Silva diz-nos que: “a cantoria de repente é chamada de poesia oral, mas não é só ela que constitui a literatura oral de uma comunidade. Os romances orais, o cancionero: as cantigas de roda, de brincar, os aboios e toadas de vaquejada e tantas outras que servem de exemplos de poesia oral muito difundida no Nordeste do Brasil” (2011, p. 82).

O professor Josivaldo Custódio da Silva ainda nos diz que em sua visão, “os primeiros apologistas e amantes da cantoria de repente e, até mesmo os atuais, fazendo uso de suas memórias e vozes, praticavam e ainda praticam, de certa forma, essa oralidade primária” (2011, p. 66).

Josivaldo Custódio da Silva define-nos o que seria a “poesia de repente” na perspectiva do Vale do Pajeú, região foco de nossa pesquisa e do documentário aqui utilizado:

A cantoria de repente tem a Paraíba como o seu grande epicentro, pois foi lá, na mediação das terras de Teixeira-PB que nasceram os primeiros violeiros repentistas consagrados no século XIX, ramificando-se logo depois para Monteiro-PB, São José do Egito-PE, Itapetim-PE, entre outras cidades da microrregião do Vale do Pajeú e demais cidades do Nordeste. **A poesia do repente é um diálogo poético oralmente improvisado, feito no aqui e agora, entre dois poetas ao som de violas respeitando um mote, dentro de uma determinada modalidade da cantoria nordestino** (SILVA, 2011, p. 71, grifo nosso).

Utilizando uma ferramenta audiovisual, como no caso do documentário, para divulgar as “cantorias de repente”, a oralidade passa a ser secundária, de acordo com Josivaldo Custódio da Silva. Ele nos diz que: “a

oralidade secundária é a que faz parte da atual cultura de alta tecnologia, na qual uma nova oralidade é alimentada pelo telefone, pelo rádio, pela televisão, ou por outros dispositivos eletrônicos, cuja existência e funcionalmente dependem da escrita e da impressão” (2011, p. 66).

Os gêneros da literatura oral, como mencionados por Luís da Câmara Cascudo (1988), já estão em nosso meio social há muitas gerações. Tais histórias e criações são contadas e recontadas e são atualizadas e reatualizadas, estando sempre presentes no nosso convívio social.

Ainda, vemos uma finalidade estética no prazer do recitar/escutar um texto oral, pois é neste momento performático que se evidenciam as combinações sensoriais sobre a percepção das coisas do mundo e suas formas de representação poética.

Objetivos e metodologia

O objetivo geral deste trabalho é valorizar a relevância da poesia oral dos poetas populares Leonardo Bastião (Batista), Pedro Tenório e Dedé Monteiro, mostrados no documentário “Poetas Analfabetos do Sertão do Pajeú” e fazer uma análise de alguns dos seus poemas apresentados em tal curta-metragem.

Buscamos também investigar a poesia oral a partir do filme documentário de curta-metragem intitulado “Poetas Analfabetos do Sertão do Pajeú” de Jefferson Sousa analisar pelo menos um poema oral de cada um dos poetas mencionados no documentário pela via metodológica apresentada por Antonio Candido em seu livro “Na sala de aula” (2012).

Especificar os elementos estruturais e funcionais dos poemas orais escolhidos para serem analisados; e revelar a riqueza da internet enquanto mecanismo de divulgação e valorização da poesia oral popular brasileira.

Dos poemas que podemos reconhecer no documentário, analisaremos alguns escolhidos por nós e que acreditamos melhor representar o tema da poesia oral de tradição popular.

Ricardo Santhiago a partir do pensamento da história oral revela-nos a radicalidade de se estudar histórias tendo a oralidade como método, já que tal método pode revelar elementos específicos, como buscamos encontrar na

nossa análise dos poemas no documentário estudado:

[...] percebo afinidade anteriormente não identificadas entre este sentimento mobilizado pela escrita e o que vislumbro como o “potencial disruptor” da prática de história oral em relação aos demais métodos qualitativos de produção de conhecimento. Experimentado em sua radicalidade, esta história oral funcionaria como um dispositivo micropolítico de problematização das formas constituídas da subjetividade (Santhiago, 2016, p. 102).

Vale lembrar que na análise da obra literária utilizaremos o método informado por Antônio Candido em seu livro “Na sala de aula” (2012), onde analisa-se a estrutura e a função da obra literária em foco. Ele diz-nos que:

[...] há no estudo da obra literária um momento analítico, se quiserem de cunho científico, que precisa deixar em suspenso problemas relativos ao autor, ao valor, à atuação psíquica e social, a fim de reforçar uma concentração necessária na obra como objeto de conhecimento; e há um momento crítico, que indaga sobre a validade da obra e sua função como síntese e projeção da experiência humana (Candido, 2012, p. 82).

No livro “Na sala de aula”, Candido nos dá vários exemplos de análise poética. E será este tipo de análise que desejaremos executar: analítico-crítica. O autor deseja sempre, num primeiro momento de análise dos poemas, “descobrir qual é a organização geral do discurso, ou seja, o arranjo responsável pela estrutura aparente, a ordenação estética das palavras e expressões” (Candido, 1985, p. 25).

Neste sentido, Candido busca ter um olhar mais profundo sobre o poema, pois:

[...] **a análise de um poema é frequentemente a pesquisa das suas tensões**, isto é, dos elementos ou significados contraditórios que se opõem, e poderiam até desorganizar o discurso; mas na verdade criam as condições para organizá-lo, por meio de uma unificação dialética (CANDIDO, 1985, p. 30, grifo nosso).

Desta forma, nossa metodologia seguirá os passos informados por Antonio Candido para a análise poética: uma análise da estrutura dos poemas

e, em seguida, uma análise da função de tal poema. Esses poemas serão escolhidos do documentário “Poetas Analfabetos do Sertão do Pajeú”, como informado anteriormente.

Assim sendo, a pesquisa para este trabalho se coloca como teórica de cunho bibliográfico. Julgamos que o tema da poesia oral popular divulgada através de um documentário vinculado pela internet seja relevante para pensar sobre a atualidade da poesia oral e refletir sobre suas práticas e levantar algumas discussões conceituais importantes para o campo da literatura brasileira, para o campo dos documentários e para o campo da abrangência das tecnologias de informação e comunicação na atualidade, entre outros pontos.

Análise de alguns poemas populares de poetas do Sertão do Pajeú – PE

Vamos nos ater neste trabalho em foco da poesia oral e suas representações locais de origem. Cada um dos poemas aqui apresentado tem representações de vivências no Sertão do Pajeú-PE. Lembramos que estes poetas vêm de uma vida de muito sofrimento e adversidades, mas revelam muitas alegrias em suas performances poéticas orais.

Escolhemos para análise um poema de três autores: o primeiro poema é de Leonardo Bastião, intitulado “A sombra que me acompanha”; o segundo é de Pedro Tenório, com o poema “Sou poeta abraçado com uma viola”; e o terceiro e último é de Dedé Monteiro, com o poema “Rapadura com água de quartinha”.

Os poemas foram divididos em versos por nós e conforme a maneira como eram recitados. Escolhemos não pontuar, pois tais poemas nunca chegaram ao papel. A colocação destes poemas aqui destacados reflete uma escolha pessoal daqueles mais representativos para nós dentro do contexto deste trabalho.

A sombra que me
acompanha (Leonardo
Bastião)
A sombra que me
acompanha não é aquela
que me socorre se eu
andar ela anda
se eu corro ela corre

e é mais feliz do que eu
porque nem adocece e nem morre.

O poema de Leonardo Bastião, intitulado “A sombra que me acompanha”, retirado do referido documentário, mostra que os poemas dos poetas do Pajeú são criados para serem oralizados. A recitação de tais poemas dos poetas do Pajeú é o que dá força a sua poesia.

O poema traz as vantagens de se ser uma sombra, pois ela não adocece e nem morre, anda onde vamos e corre se correremos. Há uma tentativa de rimas no sistema *abab*. Mas as tais desejadas rimas não se concretizam.

O poema “A sobra que me acompanha” traz-nos a percepção do homem do campo sobre seu ambiente e as coisas que aí estão. A sombra, como companhia, instiga o poeta a refletir sobre ela e criar tal poema.

Sou poeta abraçado com uma
viola(Pedro Tenório)
Sou poeta abraçado com uma viola

eu não vejo doença que não me
ataque sou uma bomba acabando
com o Iraquesou o negro Pelé atrás
da bola Repentista pequeno não me
enrola
e nem vai estragar meu
cadernoEu sou relâmpago,
trovão,
eu sou inverno,
Meus braços
trabalhammeus
pés correm
e quem pensar que me
mataé ele que morre
e sataná que lhe abrace no inferno.

Neste poema de Pedro Tenório notamos um grande movimento de pensamentos e a inclusão de várias imagens díspares. A primeira imagem é aquela do poeta abraçado com sua viola e que não fica doente, é forte e um craque. A segunda imagem é de uma batalha de repente e de sua vasta experiência como repentista. A terceira imagem fala da natureza, como sendo parte dela e de sua força. A quarta imagem é de puro movimento (trabalhar, correr etc) e de não ter medo da morte e nem de sataná.

O poema revela a importância da metáfora para sua composição. A metáfora é amplamente utilizada neste poema, conforme nos informa Candido (1985, p. 83), ressaltando que tais metáforas “rompem as associações normais e criam nexos inesperados”.

Como é colocado por Cansado (2013, p. 129), que ressalta sobre a importância da metáfora:

A metáfora tem sido vista, tracionamento, como a forma mais importante de linguagem figurativa e atinge o seu maior uso na linguagem literária e poética. Entretanto é muito comum achar, em textos científicos, jornalísticos, publicitários e mesmo na nossa linguagem do dia a dia, exemplo em que se emprega a metáfora (grifo nosso).

Cansado (2013) reforça o quanto é importante a metáfora no texto poético, mas não só textos poéticos.

Ainda, sobre o poema de Pedro Tenório, poderemos verificar que ele nos revela uma “linguagem do dia a dia”, levando para o mundo poético a realidade do povo do sertão de Pernambuco.

Rapadura com água de
quartinha(Dedé Monteiro)

Pai saia a cuidar da terra
alheia mãe ficava cuidado
do almoço
e garoto com peteca no
pescoço conduzia o
almoço às dez e meia se o
feijão era quente
cara feia que
eu fazia outra
igual não tinha
Como a grana era bem
pouquinha pai temia
aumentar a despesa tinha
gosto de lanchar
como sobremesa
rapadura com água
de quartinha

O poema retrata a realidade infantil do poeta: o trabalho do pai na roça, mãe tomando conta da casa e dos filhos, os meninos brincando.

Podemos inferir que somente havia feijão quente para comer e que não lhe apetecia a temperatura da comida.

Também, percebemos que a vida era dura e de poucos recursos e que a vontade do menino poeta era ter rapadura com água de quartinha para lanchar. A realidade de vulnerabilidade social fica marcada na refeição de feijão com sabe-se láo que.

Conforme é ressaltado Candido (1985, p. 79), que “a poesia não depende do ‘tema’, e sim da capacidade de construir estruturas significativas, que dão vidaprópria ao que de outro modo só se exprimiria de modo banal”. E é exatamente isto que vemos acontecer nos poemas dos poetas escolhidos.

O poema em Dedé Monteiro revela “estruturas significativas”, porque poderemos analisar que é uma vivência realista de sua infância e não uma ficção que foi criada por ele. Com sua realidade histórica que é contada no poema, parece que compartilhamos a relato com o autor através de imagens em nossas cabeças. O encantamento de tal poema reflete-se, também, na simplicidade da experiênciarevelada pelo poeta.

Lembramos que este três poemas foram recolhidos do documentário curta- metragem intitulado “Poetas Analfabetos do Sertão do Pajeú”, de Jefferson Sousa, por meio da transcrição dos poemas e utilizando nossa sensibilidade para dividi-los em verso.

Considerações finais

Com este trabalho podemos perceber que, mesmo em meio a grandes dificuldades, a poesia oral do Sertão do Pajeú continua como uma forte tradição local. Isso já desde os tempos de Guimarães Rosa.

Ainda, percebemos que a poesia oral e suas performances continuam vivas e pujantes nesta região do sertão pernambucano, pois os poetas aqui apresentados continuam a trabalhar e a incentivar as novas gerações a continuarem a tradição da poesia oral do Sertão do Pajeú.

Não podemos esquecer que estes poetas continuam uma tradição cultural milenar e bem no meio do Brasil, reforçando uma identidade cultural não somente local, mas que enriquece a poesia nacional como um todo:

[...] este termo composto de “identidade cultural brasileira” busca compreender as nuances culturais que fazem de nós brasileiros um grupo que se relaciona e que interioriza nossos próprios costumes, crenças, instituições, artes, etc. A cultura lida com a esfera do aprendizado, pois é ensinada e aprendida (Rodrigues; Barros, 2017, p. 77).

Também, parece-nos estranho que uma forte tradição de performances orais poéticas ainda permaneçam tão fortes no interior do Nordeste, mas elas representam não somente a vivência de um povo, mas suas lutas, suas faltas e suas alegrias.

Vale pensar na internet e suas ferramentas digitais como mecanismos de ampla divulgação da arte e da cultura brasileira. O curta-metragem de Jefferson Sousa foi o que nos possibilitou a ter contato com a poesia dos poetas desta região e com as performances orais destes homens.

A poesia oral dos poetas do Sertão do Pajeú coloca-se, portanto, como uma inesgotável fonte de pesquisa sobre a literatura oral local e brasileira e este trabalho busca, como intuito final, incentivar mais pesquisas sobre literatura oral, sobre os poetas do Sertão do Pajeú, sobre seus ricos e significativos poemas e sobre as performances orais poéticas como uma relevante forma de arte popular.

Referências

ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. Literatura Oral e Popular. **Boitató** – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Número especial, ago-dez de 2008, pág. 110-116. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/boitata/Boitata%20Especial%20Dorinha/8.%20Literatura%20Oral%20e%20Popular.pdf> >. Acesso em: 02 jun. 2020.

CALDAS, Waldenyr. **Cultura**. São Paulo: Global, 1986, 4ª edição, coleção Para Entender.

CANÇADO, Maria. **Manuel de Semântica**: noções básicas e exercícios. 1ª ed., reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula**. Caderno de análise literária. São Paulo: Editora Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate De Males**.

2012, pág. 81-90. Disponível em:
<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/863599>>
.Acesso em: 03 jun. 2020.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. IN: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995, pág. 169-191. Texto original de 1988.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia Ltda, 7 ed, 1988.

CATELLI, ROSANA ELISA. Coleção de imagens: o cinema documentário na perspectiva da escola nova, entre os anos 1920 e 1930. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 31, n. 111, p. 605-624, abr.-jun. 2010. Disponível em
<<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 18 out. 2020.

GOLDBERG, Roselee. Performance: A Hidden History. IN: Battcock, Gregory and Nickas, Robert (ed). **The Art of Performance**. A Critical Anthology. New York: E. P. Dutton, 1984, pág. 24-36.

HARARI, Yuval Noah. **Uma breve história da humanidade**. 48 a ed. – Porto Alegre, L&PM, 2019.

JÚNIOR, Nill. Dedé Monteiro: Patrimônio Vivo de Pernambuco. **Blog do Nill Júnior**. 15 de dezembro de 2016. Disponível em:
<<https://nilljunior.com.br/dede-monteiro-patrimonio-vivo-de-pernambuco>>. Acesso em: 01 jun. 2020.

MELIM, Regina. **Performance nas artes visuais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SANTHIAGO, Ricardo. **História oral e arte: Narração e criatividade**. São Paulo: Letra e voz, 2016.

PIETRO, Gabriel. **Razões para acreditar**. 9 de setembro de 2019. Disponível em:<<https://razoesparaacreditar.com/idosorecitapoemaamoresposa>>. Acesso em: 28 mai. 2020.

RODRIGUES, Wallace; BARROS, Cristiano Alves. Cinema e identidade cultural brasileira: possíveis reflexões para o uso de filmes em sala de aula. **Arteriais**. Revista do PPGARTES, ICA, UFPA, pág. 76-83, n. 04 Jul 2017. Disponível em:
<<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/view/4866/4363>>. Acesso em: 01 jul. 2021.

RODRIGUES, Wallace. A “baba antropofágica” de Lygia Clark e os “parangolés” de Hélio Oiticica como arte de performance. **Revista Conhecimento e Diversidade**. V.9, n. 19, out./dez. 2017, Unilasalle, pág. 178–190. Disponível em:
<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/arti

[cle/view/3132/pdf](#) >. Acesso em: 17 out. 2020.

RODRIGUES, Wallace. Imagens de todos nós: valorizando a arte popular em aulas de arte. **Linguagens** - Revista de Letras, Artes e Comunicação. FURB, Blumenau, v. 11, n. 2, mai./ago. 2017, pág. 486-498. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/5287>>. Acesso em: 02 jun.2020.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertões: veredas**. 22 a ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Josivaldo Custódio da. **Pérolas da cantoria de repente em são José do Egito no vale do Pajeú: memória e produção cultural**. Tese de Doutorado, memória e produção cultural. João pessoa: UFP, 2011.

SILVA, Marco. Internet na escola e inclusão. **Tecnologias na escola**. MEC/Seed/ProInfo, 1999, pág. 62-68. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf> >. Acesso em: 17 out. 2020.

REFERÊNCIA FÍLMICA

POETAS Analfabetos do Sertão do Pajeú. Diretor/produtor: SANTOS, Jefferson. Documentário em curta- metragem. Itapetim, 2017, 6m52s. Disponível em; <<https://www.youtube.com/watch?v=dhVap-PZeXw&t=65s> >. Acesso em: 25 Jun. 2021.